



História: Diálogos Contemporâneos 3

Ana Paula Dutra Bôscaro
(Organizadora)



História: Diálogos Contemporâneos 3

Ana Paula Dutra Bôscaro
(Organizadora)

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Karine de Lima

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

H673 História [recurso eletrônico] : diálogos contemporâneos 3 /
Organizadora Ana Paula Dutra Bôscaro. – Ponta Grossa, PR:
Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-86002-39-3

DOI 10.22533/at.ed.393201002

1. História – Pesquisa – Brasil. I. Bôscaro, Ana Paula Dutra.
CDD 900.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Por intermédio de diversos trabalhos acadêmicos, o livro *História: Diálogos Contemporâneos* apresenta-se como um importante espaço de intercâmbio cultural e científico. Ao articular as relações que se estabeleceram no passado e que continuam vigentes no presente, o livro abarca assuntos relevantes e que dialogam com diferentes áreas do conhecimento, propiciando discussões em entorno de questões políticas, sociais e culturais.

De modo cada vez mais sistemático, a historiografia tem se empenhado em desenvolver novas possibilidades investigativas. Os autores aqui reunidos, pautados em fontes documentais inéditas e/ou pouco exploradas, colaboram com o processo de construção do conhecimento histórico. Seus trabalhos, resultados de pesquisas originais, dialogam entre si e se completam. Daí a importância de um livro composto por obras que versam sobre diferentes assuntos.

No livro estão reunidas análises que dissertam sobre o uso da literatura e da narrativa nos estudos históricos; Trabalhos que refletem sobre o papel do ensino no contexto atual e sobre os diversos embates enfrentados por seus profissionais nos espaços escolares e nas universidades; Debates sobre questões relativas ao passado escravocrata e suas permanências nas relações sociais; Migrações forçadas no contexto atual, dentre outros temas que promovem um frutífero diálogo entre passado e presente.

Em síntese, a obra nos ajuda a compreender de que modo as marcas do passado se manifestam em nossa experiência atual. Desta feita, esperamos que a leitura dos capítulos que por ora se apresentam possam ampliar os conhecimentos e instigar novas pesquisas históricas. A todos, o desejo de uma excelente leitura!

Ana Paula Dutra Bôscaró

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
RELATOS MEMORIAIS E RELATOS TESTEMUNHOS: O EXEMPLO DE ANTÔNIO PIGAFETTA (1491-1534)	
Michel Kobelinski	
DOI 10.22533/at.ed.3932010021	
CAPÍTULO 2	15
MARIA GRAHAM: A POLISSÊMICA NARRATIVA DA ESCRITORA INGLESA, SOBRE OS BRASIS DAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO OITOCENTOS	
Denise Maria Couto Gomes Porto	
DOI 10.22533/at.ed.3932010022	
CAPÍTULO 3	26
CAPITALISMO, COMUNISMO E A HISTÓRIA DO FUTURO: APONTAMENTOS DE PESQUISA SOBRE “A MÁQUINA DO TEMPO” DE H. G. WELLS (1895)	
Pedro Nogueira da Gama	
DOI 10.22533/at.ed.3932010023	
CAPÍTULO 4	40
MANOEL BOMFIM E MANUEL DE OLIVEIRA LIMA: A AMÉRICA LATINA SOB DIFERENTES PARADIGMAS RACIALISTAS	
José Geraldo Dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.3932010024	
CAPÍTULO 5	54
ELEMENTOS PARA A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE IDENTIDADE NARRATIVA EM PAUL RICOEUR	
Janessa Pagnussat	
DOI 10.22533/at.ed.3932010025	
CAPÍTULO 6	65
AS INFLUÊNCIAS DO PENSAMENTO POLÍTICO DE ROUSSEAU NA CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988	
Heloíse Montagner Coelho	
Thieser da Silva Farias	
DOI 10.22533/at.ed.3932010026	
CAPÍTULO 7	77
FAMÍLIAS CONTEMPORÂNEAS, MONOPARENTALIDADE E O FENÔMENO ALIENAÇÃO PARENTAL: A CRÍTICA DA TEORIA SISTÊMICA À PERSPECTIVA DE RICHARD GARDNER	
Ronaldo da Costa Formiga	
DOI 10.22533/at.ed.3932010027	
CAPÍTULO 8	90
ESCRITAS DE SI: A PRODUÇÃO TEXTUAL NARRATIVA DESENVOLVIDA SOB UMA PERSPECTIVA SOCIAL E IDENTITÁRIA	
Tuany Maria Rodrigues Gonçalves Cianelli	
Bruna Sieiro Borges	
Fernanda Iglesias Webering	

Cláudia Cristina Mendes Giesel
Flávia Maria Farias Baptista da Cunha
DOI 10.22533/at.ed.3932010028

CAPÍTULO 9 101

UMA BASE CURRICULAR PARA TEMPOS NEOLIBERAIS

Gustavo de Faria Lopes
José Elias Domingos Costa Marques
Renato Gomes Vieira

DOI 10.22533/at.ed.3932010029

CAPÍTULO 10 112

A UTILIZAÇÃO DA PRODUÇÃO DE PEQUENOS VÍDEOS COM O INTUITO DE PROMOVER O DEBATE RELACIONADO À TEMAS RELEVANTES ÀS QUESTÕES ÉTNICOS-RACIAIS E O PATRIMÔNIO CULTURAL AFRO-BRASILEIRO

Aline Kelly da Silva Faria
Madalena da Silva Faria

DOI 10.22533/at.ed.39320100210

CAPÍTULO 11 118

DESCONSTRUÍNDO ESTEREÓTIPOS SOBRE A ESCRAVIZAÇÃO NO BRASIL: UMA EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO II

Lucas Cardoso de Moura

DOI 10.22533/at.ed.39320100211

CAPÍTULO 12 126

DIÁLOGOS CONTEMPORÂNEOS SOBRE A UNIVERSIDADE: UM ESTUDO HISTÓRICO

Oscar Edgardo N. Escobar

DOI 10.22533/at.ed.39320100212

CAPÍTULO 13 139

HISTÓRIAS DA PSIQUIATRIA NO BRASIL E AS INTERDIÇÕES AO USO DE ÁLCOOL E DROGAS NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Ana Maria Cardachevski

DOI 10.22533/at.ed.39320100213

CAPÍTULO 14 153

A EXTREMA-DIREITA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO: O CASO DO MOVIMENTO MÍDIA SEM MÁSCARA E O USO IDEOLÓGICO DAS FONTES

Natalia dos Reis Cruz

DOI 10.22533/at.ed.39320100214

CAPÍTULO 15 162

MORRER NEGRO EM JACUTINGA: UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS FUNEBRES DOS AFRICANOS E AFRODESCENDENTES DA FREGUESIA DE SANTO ANTONIO DE JACUTINGA

Ana Francisca Vasconcelos da Silva

DOI 10.22533/at.ed.39320100215

CAPÍTULO 16	170
DA RODA DOS EXPOSTOS AO MERCADO DE TRABALHO	
Claudia Alves d`Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.39320100216	
CAPÍTULO 17	179
A DINÂMICA ENTRE GÊNERO, RAÇA E CLASSE NA JUSTIÇA COLONIAL DO NORTE DE MOÇAMBIQUE (1930)	
Inajá Reis Costa	
DOI 10.22533/at.ed.39320100217	
CAPÍTULO 18	191
ENTRE SEMENTES E FRUTOS: DOM JOÃO DA MATA ANDRADE E A ROMANIZAÇÃO EM MANAUS (1941-1948)	
Elisângela Maciel	
DOI 10.22533/at.ed.39320100218	
CAPÍTULO 19	202
MIGRAÇÕES, DESLOCAMENTOS FORÇADOS E QUESTÕES DE GÊNERO NO ÂMBITO DA COMUNIDADE PARA O DESENVOLVIMENTO DA ÁFRICA AUSTRAL (SADC)	
Tatiane Sant'Ana Coelho Reis	
DOI 10.22533/at.ed.39320100219	
SOBRE A ORGANIZADORA	212
ÍNDICE REMISSIVO	213

MANOEL BOMFIM E MANUEL DE OLIVEIRA LIMA: A AMÉRICA LATINA SOB DIFERENTES PARADIGMAS RACIALISTAS

Data de aceite: 04/03/2020

José Geraldo Dos Santos

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira – PPGH-UNIVERSO sob orientação da Professora Doutora Érica Sarmiento da Silva e Coordenado pelo Prof. Dr. Justo Cuño Bonito (UPO-ES).

Email.: Geraldo.jgs@hotmail.com

RESUMO: O presente trabalho pretende mostrar as historiografias de Manoel Bomfim e de Manuel de Oliveira Lima sobre a América Latina a partir dos paradigmas racialistas utilizados por esses dois pensadores da Primeira República. Interessa-se apresentar também suas leituras acerca da Doutrina Monroe e do Pan-Americanismo, porquanto entende-se que os dois intelectuais ao pensarem a América Latina tiveram como foco as relações desta parte do continente americano com os Estados Unidos da América. O autor deste trabalho preocupou-se também em mostrar as diferenças entre Bomfim e Oliveira Lima no que concerne ao papel da instrução popular no desenvolvimento das nações da América Latina.

PALAVRAS-CHAVE: Manoel Bomfim; Manuel de Oliveira Lima; racialismo; América Latina; Pan-Americanismo.

ABSTRACT: The present work intends to show the historiographies of Manoel Bomfim and Manuel de Oliveira Lima about Latin America from the racialist paradigms used by these two thinkers of the First Republic. It is intended here also to present their readings about the Monroe Doctrine and Pan Americanism, since it is understood that the two intellectuals in thinking about Latin America focused a lot on its relations with the United States of America. The author of this paper was also concerned with showing the differences between Bomfim and Oliveira Lima regarding the role of popular education in the development of Latin American nations.

KEYWORDS: Manoel Bomfim; Manuel de Oliveira Lima; racialism; Latin America; Pan Americanism.

INTRODUÇÃO

Pretende-se aqui apresentar as leituras historiográficas de Manoel Bomfim (1868-1932), médico, professor, psicólogo, pedagogo, jornalista, historiador e sociólogo, e de Manuel de Oliveira Lima (1867-1928), jornalista, diplomata, historiador e professor, acerca da América Latina a partir dos diferentes paradigmas racialistas utilizados por esses dois intelectuais que produziram suas obras histórico-sociológicas na Primeira República.

Serviram-me como referencial teórico Marcel Detienne com os seus estudos sobre o comparativismo amplo inspirado na Antropologia, Jean-François Sirinelli com as suas proposições sobre a História dos Intelectuais e Pierre Bourdieu com o conceito de homologia de posições para entender o pensamento antielitista e antirracista de Manoel Bomfim. Embaso-me teoricamente também em Antônio Candido com o seu conceito de intelectual radical na análise da historiografia anti-imperialista e antirracista de Manoel Bomfim. E, por fim, utilizo Antonio Gramsci para compreender o posicionamento intelectual e político de Oliveira Lima.

Manoel Bomfim ao estudar psicologia na Sorbonne (1902-1903) se indignou com a visão preconceituosa que os franceses, e de modo geral, os europeus tinham do Brasil e dos demais países latino-americanos e de seus povos miscigenados. Nessa época, os europeus atribuíam todas as instabilidades políticas e os atrasos socioeconômicos dos países latino-americanos ao grande número de indígenas, negros e mestiços existentes aqui. A partir desta visão da ciência europeia, Bomfim investiu em estudos sobre a ciência raciológica com a intenção de elaborar obras histórico-sociológicas, refutando em seus livros as análises racialistas de grande parte dos autores europeus dos séculos XVIII e XIX, como Georges-Louis Leclerc, mais conhecido por Conde de Buffon, Arthur de Gobineau, Louis Agassiz, Herbert Spencer, Gustave Le Bon, Houston S. Chamberlain, Georges Vacher de Lapouge, João Pedro de Oliveira Martins e Henry Thomas Buckle e outros. Já Manuel de Oliveira Lima pela natureza de sua principal ocupação (diplomata) assimilou algumas concepções racialistas europeias que viam negativamente a grande presença de indígenas, negros e mestiços na constituição das nacionalidades latino-americanas. Oliveira Lima teve em mente sempre a sociedade estadunidense ao analisar a América Latina, tendo na primeira o modelo de sociedade que deu certo do ponto de vista racial e social e quanto aos países latino-americanos insistiu em analisá-los, segundo alguns paradigmas racialistas europeus que viram os povos ibero-americanos, como inferiores e incapazes de progredirem, como os modelos teóricos dos racialistas Henry Thomas Buckle, Herbert Spencer e Oliveira Martins.

Pequeno esboço biográfico de Manoel Bomfim e de Manuel de Oliveira Lima

Manoel José do Bomfim nasceu em 8 de agosto de 1868, na cidade de Aracaju, na então província de Sergipe, vindo a falecer no Rio de Janeiro em 21 de abril de 1932. A família de Bomfim era bem arranjada economicamente, sendo seus pais comerciantes e donos de engenho nas proximidades de Aracaju. Contudo, seu pai, Paulino José Bomfim, teve origem humilde. Tendo sido vaqueiro, começou a subir na vida casando-se com a viúva Maria Joaquina, filha de um comerciante português. A respeito da família de Manoel Bomfim, Ronaldo Conde Aguiar assim escreveu:

Apesar da diferença de idade entre os dois, o vaqueiro Paulino José e a viúva Maria Joaquina resolveram enfrentar a reação dos amigos e parentes, casando-se,

pelo que se calcula em 1858 ou 1859. Na ocasião, Paulino tinha 18 anos e Maria Joaquina, 26. Foram morar na “estéril, insalubre e arenosa” Aracaju. Tiveram treze filhos (AGUIAR, 2000, p. 355).

Percebe-se que intelectualmente a família de Bomfim era modesta. Ele estudou Medicina na Faculdade de Medicina da Bahia de 1866 a 1888, transferindo-se no primeiro semestre de 1888 para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde “concluiu o curso em 1890, com a *Tese das Nephrytes*” (PAULINO BOMFIM, 1993, p. 355). A transferência de Bomfim da Faculdade da Bahia para a do Rio de Janeiro deu-se pelo convite de seu amigo Alcindo Guanabara (AGUIAR, 2000, p. 124-125). Bomfim produziu grande parte de sua obra científica na Primeira República e ainda teve atuação destacada na educação básica como professor, diretor e como gestor, dirigindo por alguns anos a Escola Normal do Distrito Federal e o Pedagogium¹, chegando a ocupar o cargo de Diretor de Instrução Pública do Distrito Federal nas administrações de Cesário Alvim (1898-1899) e de Pereira Passos (1905-1908), cargo equivalente ao de Secretário Municipal de Educação do Rio de Janeiro. A frente do Pedagogium, sentindo a necessidade de se especializar em psicologia com o fito de criar um laboratório de psicologia experimental, Bomfim viajou à França em 1902 para estudar com o Alfred Binet. Na Sorbonne foi companheiro de estudos de Georges Dumas. Os estudos psicológicos e o intercâmbio com Binet e Dumas possibilitaram a criação do primeiro laboratório de psicologia experimental do Brasil por Bomfim em 1906 (PENNA, 1992, p. 61-63). Manoel Bomfim e Olavo Bilac foram autores de grande sucesso de livros escolares, tendo o *Através do Brasil*, escrito em parceria com Olavo Bilac, 66 edições, reeditado por mais de 5 décadas (BOTELHO, 2016). As relações entre Bomfim e Bilac se explicam, sobretudo, pelo projeto de defesa da difusão da instrução popular como meio de fazer o país progredir e de possibilitar a ascensão das camadas pobres na sociedade brasileira, que ambos defendiam. Ao contrário de Bilac, Bomfim nunca teve uma visão elitista com relação às camadas populares e suas manifestações culturais, sempre se deleitou com as modinhas e as cantigas populares (AGUIAR, 2000, p. 494).

A poligrafia caracterizou a obra intelectual de Manoel Bomfim, ele escreveu livros em várias ciências e áreas do conhecimento humano: medicina, história, pedagogia, psicologia, biologia, política, geografia e literatura. Também exerceu vários cargos em jornais e revistas durante a Primeira República, tendo sido um dos fundadores da pioneira revista infantil *O Tico-Tico* que encantou muitas gerações de meninos e meninas brasileiros por várias décadas. Maria Thétis Nunes, historiadora sergipana, uma das pioneiras no resgate da obra histórico-sociológica de Bomfim dissertou

1 Pedagogium – 1890-1919 – fundada no ano de 1890, por meio do decreto 667, de 16/08/1890, lavrado por Benjamin Constant, foi uma instituição educacional, inicialmente funcionando na rua Visconde do Rio Branco, 13, no centro da cidade do Rio de Janeiro – RJ. No ano de 1897 foi transferida para a rua do Passeio, 66, também no centro da cidade, onde funcionou até seu fechamento, em 1919. [...] Seus dirigentes foram Joaquim José de Menezes Vieira (1890 a 1897) e Manoel Bomfim, entre os anos de 1897 a 1906 e de 1910 até 1919. (PINHEIRAL, 2011, p. 375-376).

sobre o autor no ISEB - *Sylvio Romero e Manoel Bomfim: pioneiros de uma Ideologia Nacional* (SANTOS, 2010, p. 203) - referindo-se à relação de Bomfim com a Revista *O Tico-Tico* afirmou que “Em especial a revista infantil *Tico-Tico*, lançada em 1905, teve Manoel Bomfim como um dos idealizadores e também seu primeiro editor, que trazia interessantes histórias em quadrinhos com personagens como: Chiquinho, Zé Macaco, Faustina, Jagunço, Azeitona [...]”(SANTOS, 2010, p. 203).

Apesar de uma considerável produção jornalística desde o fim do século XIX até as três primeiras décadas do século XX, Bomfim não se preocupou em reunir os artigos que escreveu em importantes jornais e revistas em livro, excetuando os artigos escritos na *Revista Pedagógica* e os que relatam sua atuação parlamentar na aprovação de um projeto de federalização da instrução primária que viraram seu último livro em vida (BOMFIM, 1931).

Ronaldo Conde Aguiar, autor de um dos livros mais completos sobre a vida e a obra de Manoel Bomfim, atribuiu ao fato de o autor de *América Latina: males de origem* não ter aceito o convite de Machado de Assis para ser um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras (ABL), e de sua recusa em aceitar o convite para fazer parte do quadro de sócios do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), após o lançamento de sua *Opus Magnum*, em 1905, o esquecimento da obra intelectual bomfiniana no meio intelectual brasileiro em grande parte do século XX (AGUIAR, 2000).

Darcy Ribeiro fez elogios à originalidade e densidade do intelectual Manoel Bomfim: “[...] esse livro extraordinário que é *América Latina – males de origem*, de Manoel Bomfim. Lendo-o, me vi diante de um pensador original, o maior que geramos, nós latino-americanos (RIBEIRO, 1993, p. 11).

Manuel de Oliveira Lima nasceu em 25 de dezembro de 1867 na cidade de Recife, na então província de Pernambuco, tendo como pais Luís de Oliveira Lima, nascido em Portugal, e Maria Benedicta de Miranda Lima, que teve como berço natal Pernambuco. Oliveira Lima teve três irmãos, Luís, o primogênito, Amália e Maria Benedicta, sendo ele o filho temporão do casal Oliveira Lima (FORSTER, 2011, p. 20).

O pai de Oliveira Lima era comerciante, estabelecido em Recife, com negócios de tecidos e agenciamento de açúcar no atacado. Já sua mãe dedicou-se apenas às atividades domésticas, educando os filhos e mantendo a casa nos seus inúmeros afazeres domésticos, como costurando para os filhos pequenos e confeccionando as roupas grosseiras dos escravos da família Lima e cuidando do preparo da comida da família e dos criados da casa.

A partir do momento que Luís de Oliveira Lima amealhou uma considerável fortuna, retirou-se da atividade comercial passando a viver das rendas que obtivera com os seus negócios de tecidos e açúcar.

O casal Oliveira Lima e o filho caçula Manuel mudaram-se para Lisboa em 1873, em razão de uma doença que consumia as energias do patriarca Luís, que achou melhor ir para Portugal e lá cuidar da saúde e instruir o último rebento de acordo com

o ensino lusitano, ligado às Humanidades. Oliveira Lima fez os estudos básicos no Colégio dos Padres Lazaristas e na Escola Acadêmica, em Lisboa. À época que fazia preparatórios para o ingresso na faculdade, Oliveira Lima criou o periódico *Correio do Brasil*. Daí vem sua iniciação na imprensa. Ele cursou letras e filosofia na Faculdade de Lisboa de 1884 a 1888, tendo obtido o diploma de Doutor em Filosofia e Letras. Nessa faculdade, ele teve ilustres mestres, dos quais alguns se tornaram grandes amigos, como Teófilo Braga e João Pedro de Oliveira Martins, consagrado historiador e antropólogo português, (MACEDO, 1968, 13), um dos ícones das teorias do racismo científico europeu (MARTINS, 1921).

Antes mesmo de sua entrada para a diplomacia brasileira, Oliveira Lima já aumentara sua participação nas imprensas portuguesa e na brasileira, escrevendo em *O Repórter* de Oliveira Martins e na *Revista Portugal*, e em jornais daqui, como o *Jornal do Brasil*, neste jornal fluminense escreveu e foi correspondente até sua morte em 1928 (GOUVEIA, 2002, p. 212), colaborando ainda em o *Jornal do Recife* (LIMA, 1937, p.33). Já como diplomata colaborou durante anos no *Jornal do Comércio*, tendo escrito também nos primeiros anos do *Correio da Manhã* de Edmundo Bittencourt. Oliveira Lima foi também um articulista dos mais presentes na *Revista Brasileira*: “[...] era o tempo da *Revista Brasileira* mãe da Academia Brasileira e dirigida por José Veríssimo com critério e capacidade” (LIMA, 1937, p. 110).

Oliveira Lima entrou para a diplomacia brasileira, com a influência do cunhado Pedro de Araújo Beltrão, diplomata respeitado, que recebia em sua residência, em Lisboa, importantes ministros plenipotenciários e intelectuais brasileiros, como Joaquim Nabuco e Eduardo Prado. Ele “em 10 de dezembro de 1890 iniciou carreira diplomática, sendo nomeado, no ano seguinte, pelo ministro Quintino Bocaiúva, 2º secretário da Legação Brasileira em Lisboa” (MACEDO, 1968, p. 14). Oliveira Lima serviu na diplomacia brasileira de 1890 a 1914, passando por vários cargos diplomáticos até chegar a ministro plenipotenciário, tendo desempenhado suas funções em países como Portugal, Alemanha, Inglaterra, Japão, Venezuela, Bélgica, Estados Unidos da América. Oliveira Lima juntou à atividade diplomática os afazeres intelectuais de grande pesquisador, palestrante e professor em importantes universidades estrangeiras, como a Sorbonne, Aix-la-Chapelle, Stanford, Colúmbia, Harvard. Maria Theresa Diniz Forster afirma que Oliveira Lima inaugurou a diplomacia cultural brasileira, divulgando a cultura e história brasileira em inúmeras conferências e cursos em instituições científicas e em afamadas universidades europeias, estadunidenses e latino-americanas (FORSTER, 2011, p. 121).

Oliveira Lima fez parte de importantes instituições científico-culturais brasileiras, a saber – IHGB, ABL e o Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico de Pernambuco. Neusa Dias de Macedo retratou o período de sua entrada no IHGB, destacando que “em 1895 iniciou pesquisas historiográficas nos arquivos do Rio de Janeiro; entrou para o Instituto Histórico Brasileiro e publicou o 1º livro **Pernambuco, seu desenvolvimento Histórico**” (MACEDO, 1968, p. 14). Assim se deu sua entrada na ABL como um dos

seus primeiros acadêmicos, não como uns dos trinta fundadores, mas como dos dez que foram eleitos, vencendo na disputa José Maria Paranhos, o Barão do Rio Branco, e Joaquim Francisco de Assis Brasil. Barbosa Lima Sobrinho referiu-se assim sobre o triunfo de Oliveira Lima para a ABL:

A Academia Brasileira de Letras se fundou com trinta membros, a que deveriam ser acrescidos outros dez, eleitos pelos trinta da lista inicial. [...] Para Oliveira Lima, que acabara de completar 29 anos de idade, era uma consagração. Sobretudo quando entre os não eleitos figuravam o Barão do Rio Branco, Fontoura Xavier, Assis Brasil, todos com 7 votos cada um, e ainda Figueiredo Coimbra, Constâncio Alves, o Barão de Paranapiacaba, Augusto de Lima e Domingos Olímpio, os quatros últimos com 1 voto apenas (SOBRINHO, 1971, p. 87).

Oliveira Lima terminou a vida como Professor de Direito Internacional da Universidade Católica da América (Washington), doando para esta instituição de ensino superior dos Estados Unidos sua biblioteca, uma das mais importantes bibliotecas particulares do mundo sobre assuntos brasileiros e latino-americanos. Ele faleceu em 24 de março de 1928 em Washington.

Oliveira Lima foi um autor muito respeitado em sua época. Polemista nato, amado e odiado por muitos, na diplomacia e nos círculos intelectuais brasileiros. Dentre os seus grandes admiradores, constam nomes, como Barbosa Lima Sobrinho e Gilberto Freyre. Ele produziu importantes livros acerca da literatura nacional, da historiografia brasileira e das relações internacionais, sobretudo as que envolviam o Brasil, os países latino-americanos e os Estados Unidos da América.

A América Latina vista por Manoel Bomfim e Manuel de Oliveira Lima sob distintos paradigmas racialistas

Os intelectuais brasileiros do final do Oitocentos e das primeiras décadas do século XX tiveram acesso aos paradigmas racialistas e deterministas geográficos europeus, ressignificando-os de acordo com suas conveniências teóricas e político-ideológicas. Esses paradigmas racialistas podem ser grupados em: escola etnológico-biológica, ligada a Louis Agassiz; escola histórica, com Arthur de Gobineau, partindo da suposição determinista racial da História Humana; e escola darwinista social, tendo como destaque Gustave Le Bon, autor muito lido no Brasil da Primeira República (SKIDMORE, 1969, p. 65-70).

Assim sendo, tomadas em conjunto, essas três escolas do pensamento racista influenciaram sobretudo os brasileiros que se davam ao trabalho de pensar a sério sobre o problema racial. Como o resto da América Latina, o Brasil era vulnerável às doutrinas racistas vindas do exterior (SKIDMORE, 1976, p. 69).

Afora as escolas deterministas geográficas, representadas por Henry Thomas Buckle e Friedrich Ratzel que fizeram escolas entre os intelectuais brasileiros, como o próprio Oliveira Lima. E sem olvidar o evolucionismo de Spencer e o positivismo de

Comte tão populares entre os nossos intelectuais, desde o Oitocentos até as primeiras décadas do século XX. Bomfim e Oliveira Lima se posicionaram diante das teorias racialistas e deterministas geográficas, o primeiro foi contrário e o segundo, favorável.

Bomfim refutou as teorias racialistas europeias hegemônicas que depreciavam os povos miscigenados do Brasil e da América Latina. Ainda que preso aos paradigmas raciais, ele espelhou-se em teóricos do racismo científico europeu que viram positivamente a mestiçagem e que se opuseram à corrente racialista hegemônica europeia. Estando na França em 1902, Bomfim teve acesso às teorias antropológicas de Theodor Waitz, Jean Antoine Victor Martin de Moussy e Jean Louis Armand de Quatrefages Bréau que negaram o efeito negativo da mestiçagem entre quaisquer povos, utilizando-as em sua refutação aos racialistas clássicos – Conde de Buffon, Louis Agassiz, Arthur de Gobineau, Gustave Le Bon, Herbert Spencer, Houston Chamberlain, Henry Thomas Buckle, Georges Vacher de Lapouge e João Pedro de Oliveira Martins – que condenavam o Brasil e toda a América Latina ao fracasso civilizacional e à impossibilidade de chegarem ao progresso econômico e social (KETTNER, 2010, p. 135).

Para Bomfim, a composição da população da América Latina com grande presença de negros, índios e mestiços não era fator impeditivo ao progresso dos países dessa parte do continente americano. Ele viu no alargamento da instrução popular nos países latino-americanos a via principal para se chegar ao progresso – “Façamos a campanha contra a ignorância ; não ha outro meio de salvar esta America” (Bomfim, 1931, p. 42).

Bomfim sempre esteve em campo oposto à grande maioria dos intelectuais brasileiros e latino-americanos quanto à percepção e aos efeitos da mestiçagem dos povos daqui. Não concordou com esses intelectuais racialistas brasileiros e latino-americanos que se basearam teoricamente na corrente racialista europeia hegemônica, refutando contundentemente essas teses pessimistas com relação à mestiçagem dos países latino-americanos. Refutou-os, assim:

Mas dizem uns: Na América do Sul, o cruzamento foi funesto porque se fez entre raças essencialmente diversas, e “... a instabilidade perpétua das repúblicas hispano-americanas lhes parece uma consequência social dos cruzamentos...” Ora, quem conhece a história de tais repúblicas sabe que a causa é toda de ordem política; ela deriva exclusivamente das condições históricas da colonização. Cita-se, no entanto, a opinião dos poucos sábios que puderam apreciar de visu estas populações, e as julgam desfavoravelmente. Um dos tais, e dos mais categóricos, é Agassiz, que passou pelo Brasil em começo da segunda metade do século último[...] (BOMFIM, 1993, p. 261).

Bomfim vislumbrou no intercâmbio dos países latino-americanos a ação política necessária para o desenvolvimento de toda a América Ibérica, enfrentando, assim, os obstáculos para o progresso econômico e social, que eram, a seu ver, as ameaças imperialistas estadunidenses e europeias. Sem antes, é claro, do combate à falta de

instrução popular de grande parte das populações latino-americanas, em especial o Brasil:

Em um país novo, de população escassa, disseminada em vastos territórios, divididos em circunscrições autônomas; país de imigração, provocada e subsidiada pelo próprio Estado; com uma população onde 70 % são analfabetos; em um tal país bem compreendidos os interesses gerais da Nação, ainda mal formada, o mais imperioso dever do Estado é a educação popular, para criar, pôde-se assim dizer, o espírito público, dando a cada brasileiro a consciência de ser cidadão da democracia republicana brasileira. No entanto, os constituintes de 91, em vez disto, ao mesmo tempo que encarregaram o Estado Nacional – a União – da instrução superior, tiraram-lhe toda a ingerência na instrução primária, quer dizer – na educação popular (BOMFIM, 1931, p. 21).

Bomfim nunca se iluiu com relação aos reais interesses estadunidenses relacionados à toda América, em especial, à América Hispânica e ao Brasil. Ele viu com muita clareza como os Estados Unidos da América nos enxergaram, compartilhando dos mesmos sentimentos e preconceitos que os europeus tinham a respeito dos países latino-americanos. Os estadunidenses condenaram também os traços africanos, indígenas e mestiços predominantes nos países ibero-americanos. Segundo Bomfim, “É preciso notar que sobre a opinião pública norte-americana se refletem os efeitos dos juízos e conceitos, com que a Europa nos condena, e que os políticos americanos nos consideram também: *ingovernáveis, imprestáveis quase*” (BOMFIM, 1993, p. 44).

O autor de *A América Latina: males de origem* também percebeu os perigos da Doutrina Monroe, alinhando-se teoricamente aos poucos intelectuais brasileiros que desconfiaram do altruísmo norte-americano, sobretudo, a partir do corolário de Roosevelt. Foram importantes intelectuais anti-americanistas: Eduardo Prado (*A Ilusão Americana*, 1893 [1980]), José Veríssimo e Oliveira Lima. Vê-se que dentre tantos intelectuais brasileiros da Primeira República, poucos se alinharam contra o americanismo crescente, resultante das Conferências Pan-Americanas realizadas de 1889 a 1928 (DULCI, 2013, p. 93-94). Assim se posicionou Bomfim face à Doutrina Monroe:

De fato, parte da nossa soberania nacional já desapareceu; para a Europa, já existe o protetorado dos Estados Unidos sobre a América Latina. Por ocasião da conferência da Paz, em Haia, lembram-se todos, as nações sul-americanas não foram convidadas – por entenderem os governos europeus que elas não eram suficientemente soberanas, e que os interesses e opiniões dos povos americanos estavam perfeitamente representados e garantidos pelos Estados Unidos, convidados assim, tacitamente, a exercer um certo protetorado sobre o resto da América. É só nestas condições que a Europa reconhece a teoria de Monroe (BOMFIM, 1993, p. 46).

Como vimos acima, Oliveira Lima foi um intelectual que se opôs à ligação automática dos países latino-americanos aos Estados Unidos da América, como propugnado pelo pan-americanismo difundido pelas Conferências Pan-Americanas ocorridas de 1889

a 1928 e seguido pelo Itamaraty sob o comando de José Maria da Silva Paranhos Júnior, o Barão do Rio Branco, por Joaquim Nabuco, primeiro embaixador do Brasil nos Estados Unidos da América (DULCI, 2013, p. 91). Apesar de Oliveira Lima ser apontado como intelectual americanista por alguns de seus estudiosos, como Gilberto Freyre (1968), Barbosa Lima Sobrinho (1971), Helder Gordim da Silveira (2003) e outros, ele jamais fez coro ufanista acerca do pan-americanismo e da Doutrina Monroe e do Corolário Roosevelt, acreditando que uma política de integração dos países da América Latina era a via de fortalecimento dessas jovens nações de colonização ibérica. Contudo, o historiador-diplomata pernambucano teve sempre em mente o estado civilizacional da sociedade estadunidense como régua para a mensuração do desenvolvimento social e político dos países latino-americanos. Lima sempre nutriu grande admiração pelo papel desempenhado pela imigração seletiva ocorrida nos Estados Unidos da América, atribuindo, em parte, a esse incremento populacional de europeus o progresso dessa parte da América do Norte. Segundo ele,

[...] ao passo que nos Estados Unidos as condições diferentes da emigração que ali arribou, em boa parte movida por motivos morais, o fervor religioso, a severa organização da família, a consciência mais precoce da grandeza do país, tudo contribuiu a conservar o elemento superior à distância dos cruzamentos. Nunca no Brasil se poderia repetir a situação dos Estados Unidos em que o branco governa o negro obedece (LIMA, 1953, p. 96).

Oliveira Lima filiou-se teoricamente à concepção determinista geográfica de Buckle, entendendo que as condições climáticas e geográficas mais favoráveis da América do Norte, em especial as dos Estados Unidos, favoreceram o desenvolvimento civilizacional daquela parte do continente americano. Assim se posicionou o autor com relação ao determinismo: “Cada vez me convenço mais da maior importância do fator clima, comparado com o fator raça, no desenvolvimento da história da humanidade” (LIMA, 1953, p.93).

Aqui, em nosso país, ou em parte deste torrão, tudo está condenado na visão deste autor pelo clima – “O branco não lhes pode, seguindo a regra americana, fazer frente, contê-los, hostilizá-los, dominá-los. O calor rouba-lhe para tanto o impulso e a energia. O clima subjuga a raça” (LIMA, 1953, p.97-98).

O autor de **Impressões da América Espanhola (1904-1906)** percebeu com sua teoria climático-geográfica que à medida que se avança ao norte do Brasil e adentra-se em direção aos países amazônicos menos possibilidade há de avanços civilizacionais. Os vereditos de Oliveira Lima sobre o porvir do norte do país são nebulosos. O clima tropical é um obstáculo a marcha da civilidade – dificultando o trabalho do branco tido como um ser superior. Segundo o autor,

O que pode, entretanto, esperar do futuro o norte do Brasil, desprovida a sua população superior de energia igual, que levou a da outra raça a buscar compensação para os prejuízos sobrevividos em outros gêneros de cultura, e sem

poder além disso contar com a população inferior local, fisiologicamente mais adequada ao clima, para o combate contra o meio tropical? [...] O fator clima e o fator raça – refiro-me neste caso à raça explorada ou raça de trabalho – deram lugar, ao norte e ao sul da linha equatorial, a consequências de natureza econômica e social desastrosamente parecidas (LIMA, 195, p. 101).

Percebe-se facilmente como o determinismo geográfico e racial, vogas científicas europeias, impregnaram as análises de Oliveira Lima acerca do Brasil e dos países americanos com maiores traços indígenas, africanos e mestiços. O autor expõe sem sentimento de culpa os mais terríveis comentários sobre essas populações americanas não-brancas. Admite-se até a espoliação estadunidense sobre pequenos países americanos de maioria negra. Fato que pode ser apontado como ambivalente na crítica contrária de Oliveira Lima ao pan-americanismo e à doutrina Monroe. Assim pensou autor sobre países americanos majoritariamente negros:

Não me refiro às condições sanitárias das repúblicas independentes de Haiti e São Domingos, porque são de fato países semibárbaros, fadados para a recolonização, a qual lhes há de incutir estímulo de progresso, exercendo-se sua influência de forma parecida àquela por que tem agido em cuba e Porto Rico (LIMA, 1953, p. 103).

Sumariando as assertivas de Oliveira Lima sobre negros, índios e mestiços, afirmo que o autor esteve preso aos paradigmas racialistas que depreciaram esses numerosos estratos populacionais americanos. Ele escreveu com naturalidade expressões assim – “[...] hindus, que, substituindo no cultivo dos campos os indolentes negros alforriados, permitiram à raça branca continuar no seu papel exclusivamente diretor” (LIMA, 1953, p. 95) e “[...] a raça negra, esta só trabalha o bastante para ganhar o pão de cada dia, sem ambições de futuro nem sonhos de grandeza” (LIMA, 1953, p. 94).

E o contraste da análise do autor quando o mesmo escreve comparativamente sobre as regiões norte e sul, enaltecendo o clima sulino e a imigração europeia. Segundo o autor,

Aconteceu, pelo contrário, aquilo que está acontecendo no nosso Norte brasileiro que, empobrecido pela abolição e envilecido pela emigração, longe de progredir, se está barbarizando, formando um contraste vivo e triste com a expansão do Sul, bafejado pela imigração europeia e engrandecido pelo desenvolvimento industrial (LIMA, 1953, p. 94).

Por fim se faz mister mostrar as críticas de Oliveira Lima ao pan-americanismo e a Doutrina Monroe como foi feito acima com Bomfim. O autor de **Pan-americanismo (Monroe, Bolívar, Roosevelt)**, 1907, criticou o pan-americanismo estadunidense apoiado no Corolário Roosevelt e propagado pelas Conferências Pan-Americanas de 1889 a 1928. Lima não viu altruísmo algum na iniciativa dos Estados Unidos em propor a união americana sob a hegemonia norte-americana. No Itamaraty, Oliveira

Lima foi o diplomata mais hostil as dissimuladas ações imperialistas estadunidenses escamoteadas na Doutrina Monroe e seus corolários Polk (1845) e Roosevelt (1904) e nas Conferências Pan-Americanas. Para o historiador-diplomata,

Os Estados Unidos já queriam em tempo de Monroe, exatamente como agora em tempo de Roosevelt, ser um acima de todos, e por isso fizeram constantemente ouvidos de mercador às reivindicações e acenos de camaradagem das suas irmãs latinas. É evidente que professavam acatar-lhes a soberania: nunca empregaram outra linguagem nem poderiam, razoavelmente, pensar em empreender contra o resto do continente guerras de conquista, como as que nos meados do século XIX intentaram com conhecido êxito contra o México vizinho, que foi bode expiatório dos primeiros brutais arrancos imperialistas do colosso (LIMA, 1980, p. 39).

A crítica de Oliveira Lima ao Pan-americanismo sob a hegemonia estadunidense e à Doutrina Monroe é ambígua. Ele, como diplomata, saiu corajosamente em defesa da grande maioria das nações latino-americanas, contudo, seu racismo, admite que nações como Haiti e São Domingos podiam ser recolonizadas pela grande nação do Norte de modo semelhante ao acontecido com Porto Rico e Cuba com a Emenda Platt, artifício constitucional que dava aos norte-americanos o direito de intervir nesta, caso seus negócios e interesses fossem contrariados. Já no que se refere as relações entre Brasil e Argentina, o autor as viu positivamente – “Não nos separam, nós e os argentinos, concorrências comerciais [...] O nosso rumo moral é idêntico, de trabalho e paz. A nossa ligação à Europa a mesma, dela dependendo para braços e capitais;” (LIMA, 1980, p. 113) – vê-se aqui a simpatia de Oliveira Lima por alguns traços europeus comuns ao Brasil e à Argentina. Salta aos olhos em uma leitura crítica a análise generosa que o autor fez sobre o processo de constituição da nacionalidade argentina se comparada às abordagens feitas das formações sociais dos países latino-americanos com grande presença de negros, índios e mestiços e de clima tropical, sobretudo do Haiti, São Domingos e Venezuela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendeu-se aqui fazer uma análise inicial das concepções historiográficas de Manoel Bomfim e de Manuel de Oliveira Lima sobre a América Latina balizadas em distintos paradigmas racialistas utilizados por ambos autores, porquanto minha pesquisa do doutorado está em seu começo. Não houve intenção de se fazer uma análise mais profunda, posto que o estudo comparativo entre as historiografias acerca da América Latina em um viés racial de Bomfim e Oliveira Lima abarca um número maior de livros e artigos dos respectivos autores.

Concluindo esse artigo – pode-se afirmar que Bomfim sempre foi um entusiasta da mestiçagem dos povos latino-americanos, não vendo empecilho algum para um futuro promissor de toda a América Latina por sua gente ser mestiça e ter um número considerável de negros e índios nos países ao sul do continente americano.

Bomfim defendeu a instrução popular e a integração da América Ibérica como vias de desenvolvimento e de enfrentamento dos imperialismos estadunidense e europeu. Sua obra histórico-sociológica caracteriza-se pela refutação de grande parte das teorias racialistas europeias que hierarquizavam os povos, tendo os europeus como superiores e condenando as misturas destes com os povos de outros continentes, sobretudo com os negros e os indígenas.

Já Oliveira Lima esteve preso aos paradigmas racialistas e deterministas de Buckle, Spencer e Oliveira Martins. Ele viu a saída para os países iberoamericanos com larga mestiçagem e grande número de negros e índios na imigração europeia que resultaria no branqueamento e no desaparecimento dos traços culturais indígenas e africanos por aqui. No entanto, a imigração europeia não daria certo nos países e nas regiões americanas de clima tropical, devido suas características geográficas e as altas temperaturas que impossibilitariam a vida e o desenvolvimento do branco, tido por Oliveira Lima como portador de inteligência superior. O historiador-diplomata não acreditava que a instrução pública pudesse avançar entre as populações negras e indígenas, chamando os defensores da instrução popular de ideólogos.

A análise que foi feita das historiografias de Bomfim e Oliveira Lima sobre a América Latina acabou resvalando em suas visões acerca do Pan-Americanismo e da Doutrina Monroe e dos corolários Polk e Roosevelt. Se faz necessário dizer que as visões de Bomfim e Oliveira Lima sobre a política exterior estadunidense para a América Latina são parecidas, excetuando a ambiguidade do historiador-diplomata quanto ao direito de soberania do Haiti e de São Domingos.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Ronaldo Conde. **O Rebelde Esquecido: tempo, vida e obra de Manoel Bomfim**. Rio de Janeiro: ANPOCS/Topbooks, 2000.
- BOMFIM, Manoel. **A América Latina: males de origem**. 4e. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993.
- _____. **Cultura e Educação do Povo Brasileiro: pela difusão instrução primária**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1931.
- _____. **O Brasil Nação**. Rio de Janeiro/são Paulo: Record, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.
- BOTELHO, André. **O Aprendizado do Brasil: a nação em busca dos seus portadores sociais**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2016.
- BUENO, Clodoaldo. **Política Externa da Primeira República – os anos de apogeu – de 1902 a 1918**. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- CANDIDO, Antônio. Radicalismos. In: **Instituto de Estudos Avançados**, São Paulo, 1988.
- DETIENNE, Marcel. **Comparar o incomparável**. Aparecida/SP: Ideias e Letras, 2004.

DULCI, Tereza Maria Spyer. **As Conferências Pan-Americanas (1889-1928)**. São Paulo: Alameda, 2013.

FORSTER, Maria Thereza Diniz. **Oliveira Lima e As Relações Exteriores do Brasil: o legado de um pioneiro e sua relevância atual para a diplomacia brasileira**. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2011.

FREYRE, Gilberto. **Oliveira Lima, Don Quixote Gordo**. Recife: Imprensa Universitária-UFPE, 1968.

GOUVEIA, Fernando da Cruz. **Oliveira Lima: uma biografia**. V.I e II. 2e. Recife: CEPE, 2002.

GRAMSCI, Antonio. **Cardernos do Cárcere, V.2, Os Intelectuais** – o princípio educativo. 2e. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

KETTNER, Michele Nascimento. Manoel Bomfim "ensaiando" a mestiçagem na América Latina. In: **Revista Ci & Trop**. Recife, V. 34, nº 1, 2010, p. 135-145.

LIMA, Manuel de Oliveira. **Impressões da América Espanhola (1904-1906)**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1953.

_____. **Memórias (Estas Minhas Reminiscencias)**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1937.

_____. **Na Argentina (Impressões 1918-19)**. São Paulo/Rio de Janeiro: Weiszflog Irmãos, 1920.

_____. **Obra Seleta**. Rio de Janeiro: Instituto Nacioanl do Livro, 1971.

_____. **Pan-Americanismo (Monroe, Bolívar, Roosevelt)**. 2e. Brasília-DF/Rio de Janeiro: Ed. Senado Federal/Fundação Casa Rui Barbosa, 1971.

MACEDO, Neusa Dias de. **Bibliografia de Manuel de Oliveira Lima – com estudo biográfico e cronologia**. Recife: Arquivo Público Estadual, 1968.

MARTINS, J.P. Oliveira. **As raças Humanas e a Civilização Primitiva**. 4e. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1921.

PAULINO BOMFIM, Luís. **Pequena Biografia de Manoel Bomfim**. In: BOMFIM, Manoel. **A América Latina: males de origem**. 4e. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993.

PENNA, Antônio Gomes. **História da Psicologia no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

PINHEIRAL, Rafael. **Pedagogium**. IN: JACÓ-VILELA, Ana Maria. Org. **Dicionário Histórico de Instituições de Psicologia no Brasil**. Rio de Janeiro: Imago, 2011, p. 375-376.

RIBEIRO, Darcy. **Manoel Bomfim, antropólogo**. In: BOMFIM, Manoel. **A América latina: males de origem**. 4e. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993, 9-20.

SANTOS, Maria Nely. **Comentando Manoel Bomfim através de Thetis**. In: CRUZ, José Vieira da; BITTENCOURT JÚNIOR, Antônio. Orgs. **Manoel Bomfim e a América Latina: a dialética entre o passado e o presente**. Aracaju: Ed. Diário Oficial, 2010, p. 200-206.

SILVEIRA, Helder Gordim da. **Joaquim Nabuco e Oliveira Lima: faces de um paradigma ideológico da americanização das relações internacionais do Brasil**. Porto Alegre: EDPUCRS,

2003.

SIRINELLI, Jean-François. **Os Intelectuais**. In: REMOND, Rémond. Org. **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ/ FGV, 1996, p.231-270.

SKIDMORE, Thomas E. **Preto No Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

SOBRINHO, Barbosa Lima. **Oliveira Lima: sua vida e sua obra**. In: LIMA, Manuel de Oliveira. **Obra Seleta**. Rio de Janeiro: Instituto nacional do Livro, 1971.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Administração da Justiça 179, 180, 183
África Austral 202, 203, 204, 209, 210, 211
Africanos 47, 49, 51, 122, 134, 135, 162, 163, 164, 166, 173, 180, 181, 183, 184, 185, 187, 188, 189, 190, 203, 207, 208, 209, 210
Alienação Parental 77, 78, 79, 80, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 89
América Latina 1, 8, 9, 11, 14, 40, 41, 43, 45, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 127, 128, 129, 137, 155
Anticomunismo 153, 155, 156
Ascensão Social 33
Assistência 145, 147, 151, 170, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 193, 197, 206

B

Base Curricular 101, 104, 108
Brasil Colônia 126, 129, 130, 138, 212

C

Colônia de Moçambique 179
Constituição Federal 65, 66, 70, 71, 72, 73, 75, 106
Cotidiano Escolar 112, 113, 116, 117
Cultura 8, 9, 19, 22, 23, 25, 38, 44, 48, 51, 62, 76, 79, 81, 90, 91, 94, 95, 96, 100, 106, 110, 111, 112, 113, 117, 118, 121, 122, 123, 125, 129, 130, 135, 138, 169, 177, 178, 181, 182, 183, 201

D

Deslocamentos forçados 202, 203, 206, 207, 209, 210
Diálogos Contemporâneos 15, 26, 40, 54, 65, 77, 90, 101, 112, 118, 126, 139, 153, 162, 170, 179, 191, 202, 212
Diocese 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201
Dom João da Mata 191, 192, 194, 199, 200, 201

E

Educação 33, 34, 36, 42, 47, 51, 67, 91, 96, 100, 101, 103, 104, 106, 107, 108, 109, 110, 113, 115, 117, 126, 128, 129, 130, 131, 134, 137, 138, 142, 148, 152, 161, 173, 174, 177, 178, 181, 182, 189, 194, 199, 204, 209
Educação Superior 33, 106, 110, 126
Escravidão 71, 118
Estado 2, 23, 29, 32, 34, 36, 37, 38, 39, 47, 48, 62, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 88, 102, 103, 112, 128, 129, 131, 135, 143, 147, 148, 149, 151, 156, 157, 158, 160, 169, 174, 179, 180, 182, 183, 188, 192, 196, 197, 201
Estereótipos 118, 121, 123, 124, 125, 207
Extrema-Direita 153, 155

F

Família Contemporânea 77, 78, 79

Fontes 15, 16, 17, 18, 25, 38, 39, 64, 100, 124, 151, 153, 156, 160, 162, 177, 178, 183, 185, 187, 189, 201

Formação Médica 139

G

Gênero 7, 8, 10, 19, 20, 28, 39, 64, 86, 92, 94, 144, 175, 179, 184, 185, 187, 188, 189, 202, 204, 205, 206, 209, 210

H

História da psiquiatria 149, 151

I

Identidade 5, 8, 9, 10, 12, 25, 54, 55, 60, 63, 64, 78, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 99, 100, 106, 113, 153

Ideologia 43, 72, 78, 79, 88, 110, 136, 153, 156, 158, 173

Igualdade Racial 112

Infância 1, 56, 148, 158, 170, 172, 176, 177, 178

J

Jean-Jacques Rousseau 23, 65, 66, 67, 68, 70, 73, 74

L

Literatura 1, 2, 3, 13, 15, 18, 19, 20, 23, 24, 26, 27, 36, 39, 42, 45, 54, 63, 68, 96, 100

M

Manaus 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201

Manoel Bomfim 40, 41, 42, 43, 45, 50, 51, 52

Manuel de Oliveira Lima 40, 41, 43, 45, 50, 52

Maria Graham 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25

Matrizes Afro-brasileiras 112, 114

Migrações 202, 206, 208, 209, 210, 211

Mulher viajante 15

N

Narrativa 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 13, 15, 22, 35, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 99, 100, 118, 122, 123, 132, 156, 157, 158

Neoliberalismo 101, 102, 103, 110, 155

O

Oralidade 1, 3, 5, 6, 7, 13, 14, 91, 93

P

Paul Ricoeur 54, 63, 64

Poder 4, 6, 8, 13, 14, 16, 32, 49, 60, 65, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 78, 85, 88, 99, 102, 103, 109, 115, 127, 131, 135, 137, 140, 146, 156, 157, 176, 179, 184, 187, 188, 192, 196, 209

Práticas Fúnebres 162

R

Relatos memoriais 1

S

Santa Casa de Misericórdia 170, 172, 174, 176, 177, 178

Santo Antonio de Jacutinga 162, 165, 166, 167, 168

Século XIX 25

Século XX 139

Sociedade 12, 14, 29, 33, 37, 41, 42, 48, 67, 68, 69, 70, 76, 81, 91, 95, 96, 98, 99, 101, 102, 103, 105, 109, 110, 112, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 131, 135, 137, 139, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 167, 170, 171, 173, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 184, 185, 187, 188, 189, 192, 212

T

Teoria da História 8, 26, 189

 **Atena**
Editora

2 0 2 0